

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,  
HISTÓRIAS E CULTURAS**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

  
UNEMAT  
EDITORA

  
EPLIT  
Centro de Pesquisa  
em Literatura

  
CEPEL  
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva  
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impressa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora  
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas  
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000  
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000  
Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marque do Amaral

**CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA** Agnaldo Rodrigues da Silva

### **CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS**

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)  
Elza Assumpção Miné - USP  
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal  
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP  
Roberto Leiser Baronas - UFSCar  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP

### **CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO**

Agnaldo José Gonçalves – UNESP  
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT  
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT  
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT  
Benjamin Abdala Junior –USP  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT  
Eduardo Guimarães - UNICAMP  
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT  
Elza Assumpção Miné - USP  
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP  
Liliane Batista Barros - UFPA  
Luiz Francisco Dias - UFMG  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Mário César Leite - UFMT  
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP  
Nelly Novaes Coelho - USP  
Rita de Cássia Natal Chaves - USP  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT  
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras  
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



**ECCOS**

**LITERATURA**



VISITA À POÉTICA DE SILVA FREIRE: POR  
VÔOS IMAGINÁRIOS

VISIT TO THE POETRY OF SILVA FREIRE:  
FOR IMAGINARY FLIGHTS

Epaminondas de Matos Magalhães<sup>1</sup>

Marinei Almeida<sup>2</sup>

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

**Resumo:** Este artigo apresenta a produção poética de Silva Freire, traçando, antes de qualquer coisa, os elementos que compõe sua poética e o entrecruzamento com os elementos regionalistas. Nesse sentido, esse texto faz uma abordagem das obras *Barroco Branco*, *Águas de visitação* e *Trilogia Cuiabana*.

**Palavras-chave:** Silva Freire; Poética; Vanguardas.

**Abstract:** This article presents the poetic production Silva Freire, tracing, first of all, the elements that make his poetry and the interweaving with the regionalist elements. Thus, this text makes an approach of White Baroque works, visit the Water and Trilogy Cuiabana.

**Keywords:** Silva Freire; Poetic; Avant-garde.

1 Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

2 Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.

o  
 boi  
 bóia  
 o olho  
 na bolha  
 do couro-cru  
 bóia o destino na utilidade  
 do uso

A poética de Silva Freire vem sendo alvo de inúmeros estudos no cenário Mato Grossense. A partir das relações entre as vanguardas em Mato Grosso, podemos destacar os estudos de Leite (2005), Nadaf (1983), Carvalho (1986), Magalhães (2001), entre outros.

Para um maior entendimento da poética de Silva Freire, é preciso definir o conceito de poética e poesia presente em sua obra. A noção de poesia, mesmo com as transformações ocorridas no cenário mundial, não perdeu força, ao contrário continuou viva como traço da cultura humana e como forma de representação histórica e cultural deste homem. Paz (1982, p. 42) enuncia que *o poema não é uma forma literária, mas sim o lugar de encontro entre a poesia e o homem*. Partindo deste prisma, a poesia e o homem são elos ligados historicamente e culturalmente em que, a partir da poesia, o homem expressa a visão do mundo que o cerca, uma visão que se torna reveladora.

Com a eclosão do Modernismo, a poesia passou por algumas alterações, principalmente no que tange ao enfoque e ao recorte. A linguagem é o ponto chave dessas mudanças.

A poesia de Freire, no que concerne ao movimento de vanguarda, apresenta como característica o radicalismo morfológico textual, simultaneidade dos signos verbais e não verbais, transformando a palavra em objeto e, neste prisma, o texto torna-se matéria de uma sintaxe combinatória.

Freire, ao mergulhar na imagem do mato-grossense, em suas poesias, mostra que as ações das pessoas do Estado não decorrem de atraso cultural ou social, mas estão atreladas à valorização dos elementos de suas tradições.

Em Freire, a cidade de Cuiabá, a cultura mato-grossense são metonimizadas, pois o próprio tecido da história ganha vida, a natureza também é apresentada em suas poesias de forma personificada, adquire vida e pulsa, como pulsa a vida do homem mato-grossense, como podemos ver nos blocos poemáticos apresentados a seguir:

[...]

\_ cerrado:  
 tecido telúrico  
 /processo/  
 o ingresso na história

ou

regresso atávico  
à origem da raça/ cuiabania  
[...] (FREIRE, 1999, p. 43)

- e raça se pereniza:  
no caldo quente do tempo  
no curvo eco do abraço  
na seiva-sangue do jatobá  
é para tudo medicinal  
é suco-saúde e velaime  
êta/ amargo de fedegoso  
na forte essência do guaraná  
(FREIRE, 1999, p. 53)

A natureza pulsa no poema da mesma forma que pulsa a criatividade do homem cuiabano-mato-grossense, buscando valorizar e mostrar esta cultura rica. Os versos acima demonstram a capacidade imagética de Freire ao criar um universo que transpõe a lógica e a realidade.

Para visualizarmos o modo como o poeta lida com os elementos desta cultura, tomemos como ponto de referência o poema, *Oleiros*, da obra *Águas de Visitação*:

- o oleiro  
Escre vi  
Vê  
(a/e) cri/a/tiv/idade  
Da casa que amacia

\_ o ombro  
o lombo  
o escombros da cadunda  
/ reparte o passo no espaço

- o forno/fogão  
adelgaça  
a alça  
da forma  
na grala  
da forma

Repassa de sol  
A queimação do tijolo [...] (FREIRE, 1999, p. 27)

Freire vai construindo os elementos do cotidiano do homem mato-grossense( o oleiro) sob um conjunto de metáforas que demonstram sua capacidade de ir além do óbvio. O oleiro escreve no tecido da história suas experiências e sua vida, como as vive. No termo criatividade, entrecortado pelas barras, vemos que o oleiro em sua atividade criativa, cria a própria vida. Atividade que se reproduz no tempo e na história.

Pontes (apud FREIRE, 1986, p. 145) comenta que Freire segue um percurso rumo à *expressão exata do termo no desvendar das coisas* e afirma que a poesia de Freire é plástica por excelência, sua linguagem procura moldar, como oleiro, o oleiro de seu poema, as formas e as roupagens adequadas ao pensamento criador da Poesia. (FREIRE, 1999, p. 145)

Sua primeira obra, *Águas de Visitação*, possui 11(onze) poemas: *garimpo da infinitude, os oleiros, cerrado/raízes, carvoeiro/vegetal, seringal/seringueiro, canavial, as redes, os cavalos, giro do couro cru, os pássaros e campus da universidade*, distribuídos em 44 blocos poemáticos. Esses poemas descrevem um universo histórico de Mato Grosso, de modo que a história se ressignifique pelo olhar do poeta. O homem é carregado pelos desvelos de sua cultura.

Pontes (apud FREIRE, 1986), em um ensaio acerca da obra *Águas de Visitação* assim assevera que *Águas de Visitação* é uma obra que honra a bibliografia mato-grossense: bem impressa, bem ilustrada, diagramada por Wladimir Dias Pino, mundialmente famoso pela criação do poema concreto. (PONTES, apud FREIRE, 1986, 145)

Retornando à dinâmica da obra *Águas de Visitação*, alguns de seus poemas já haviam sido publicados em alguns cadernos de cultura deste estado. Carvalho afirma que há em Silva Freire *uma radicalidade expressional e, as palavras explodem em blocos poemáticos* (1989). Esse processo se manifesta já em sua primeira obra, *Águas de Visitação*, tendo em vista que encontramos não mais versos, mas blocos poemáticos.

O  
- pássaro  
Choca  
O enleio do vôo e  
O de que madura a gema do ovo

- sozinho  
O bem-te-vi cartola  
Palita na macega  
Uma cobrinha lacrimossecando [...]  
(FREIRE, 1999, p. 137)

Segundo Melo e Castro (1993), há nos poemas concretos uma suposta organização dos blocos na página em branco, suposta organização, pois, esta é apenas aparentemente fixa (formal), tendo em vista que é antes de *tudo ruptura com a relação sintática convencional de tipo discursivo e analítico* (MELO E CASTRO, 1993, p.49). Essa aparência de organização fixa se dissolve na leitura dos blocos, visto que provoca na leitura um emaranhamento da espacialização dos blocos.

É possível, ao leitor leigo da poética de Freire, pensar que suas construções são ao acaso, tarefa sem elaboração. Leite (1986, p. 12), em seu texto *O poeta no mundo da palavra*, afirma que a *poética de Silva Freire, não é atividade lúdica, é experiência séria, pesquisa original, reinterpretação da palavra ou sua adequação*

ao mundo em que vivemos. Há um incessante trabalho com a palavra, a fim de criar construções que burilem os sentidos usuais da própria palavra.

Esses blocos poemáticos presentes nos poemas de Silva Freire, que “aparentemente” apresentam uma estruturação fixa, são móveis, uma vez que não sabemos a ordem da leitura ou da visualização, que fazemos conforme queremos. Lemos e vemos de diferentes ângulos. O diferencial do poema concreto em Freire é a possibilidade de ver e ler como a luz em um diamante, em que cada feixe projeta inúmeros ângulos. Assim é a sua poética: a espacialização dos blocos projetam diferentes ângulos de leituras. Melo e Castro (1993) afirma que a recusa de modelos estáticos é uma dimensão da arte de vanguarda, o que reforça o teor vanguardista de Silva Freire.

A mensagem explode aos olhos do leitor que a visualiza e a lê. Toda palavra na poesia de Freire se desdobra sobre novos e vários campos semânticos. A realização dos sentidos possíveis se alargam na infinitude de suas palavras e ideias matrizes sobre a cultura cuiabana. Em seus poemas há um número infinito de leituras que revelam e desvelam o homem, seu mundo e suas ideias. A cada nova leitura, o leitor engendra sob novas criações, participa da própria feita, não mais formal, mas semântica. A feita do texto, pelo leitor, passa a ser realizada e concretizada pelo ato da leitura, pelas implicações e integrações que esta provoca no leitor.

Jauss (1979) quando desenhou sua teoria da recepção na Alemanha lançou bases para uma mudança significativa concernente ao ato de ler. Ele compreendia que a leitura é um ato social e criativo em que os sentidos só se realizam e se concretizam na integração texto e leitor. Portanto, o leitor passa a ser visto como um sujeito cujas energias não se esgotam, mas há um movimento contínuo de interpretação e significação das informações dados ou transmitidas ao leitor.

Na poética de Freire, a *leitura torna-se assim um ato criativo por excelência, e daí melhor afirmar haver intérprete e interpretação.* (PONTES, 1986, p. 145).

Ao longo dos onze poemas de Águas de Visitação, vemos a história e a cultura adquirirem vida, no tecido do tempo e da memória. Possari (1999) afirma que, na escritura de Freire, *temos profissões, espaços produtivos, o extrativismo, o artesanato, a criação de gado, o garimpo, o espaço físico, como o cerrado, enfim espaço mato-grossense* (1999, p. 10). Em *Seringal/seringueiro* vemos nitidamente a história e a cultura do homem mato-grossense/rural ganhando contornos, tudo é recriado.

- seringa é de pé-de-pau  
-borracha dá na fumaça  
/é de fumada que se acaba/

- de talhe maduro  
a madeira  
se talha no íntimo  
tímido  
no curtido convívio  
da faca seringueira

- a árvore seringueira  
     seringa  
     seu leite  
     na tigelinha  
 Que o seringueiro não visga  
 (FREIRE, 1999, p. 69)

Nesses três blocos poemáticos, a seringa, objeto de trabalho de muitos homens, ganha não só propriedades financeiras, mas em relação a ela esse homem tem certo respeito, como se está o pertencesse, pois se talha no íntimo/tímido. Aos poucos a seringa vai ganhando contornos humanos, como se fosse a parceira diária no curtido *convívio/da faca seringueira*.

Nesse bloco, vemos a pujança da história do homem mato-grossense, que revela a história de outros brasileiros, os seringueiros, que adentraram a mata destes sertões para extração da seiva das seringas. Demonstra, ao lado da história, a cultura de um povo que viveu lutas diárias. É preciso mencionar que as personagens que habitam seus poemas não fizeram ações inumanas, ao contrário, foram homens que viveram e sofreram ações humanas.

- o corpo-cargueiro  
     (cacunda da mata)  
     se defunta  
 nos confins do delírio  
 que legitima a madeira.  
 (FREIRE, 1999, p. 69)

A partir das várias premissas que circundam a tessitura poemática de Freire, conforme veremos, não podemos deixar de destacar o papel da radicalidade do concretismo, pois em seus poemas vemos que esta ocorre por meio da própria palavra que explode em blocos poemáticos. Como podemos perceber no seguinte bloco:

\_ na fAce  
 De pau-a-piquE  
 O carvoeIro  
 barrOteia  
 seU deixar  
 (FREIRE, 1999,p. 15)

Neste pequeno bloco poemático, as coisas são personificadas, o carvoeiro ganha vida, se move no tecido da escritura telúrica, como, afirma Carvalho (1986). Há, também, neste bloco poemático, o encadeamento das vogais sobrepostas nas palavras formando a sequência do AEIOU, reproduzindo, já, na própria estrutura do bloco o jogo lúdico das palavras. Os objetos, carvoeiro, ganham vida não porque *são tocados ou tangidos, mas porque o escritor lhes dá alma própria e evidente*, (Neto, 2001, p. 42) enxerta por assim dizer, a vida.

Nas palavras de Neto (apud Freire, 1986, p. 308),

Na VITALIZAÇÃO não há restituição à vida nem se trata de dar vida nova a algo. O mecanismo de SILVA FREIRE consiste em introjetar vida, desde logo, em suas criações, incorporando-lhes características e valores conscientes. Aí as coisas(até as incorpóreas), **se determinam**, isto é, se guiam sob o domínio de certa ordem lógica de desígnios.(NETO, apud FREIRE, 1986, 308- grifos do autor)

Freire injeta vida nos objetos, nas cenas descritas em sua poesia, mostrando a grande capacidade de manipulação da linguagem, o que reporta diretamente aos princípios lançados no *Manifesto da Poesia Concreta*, de Augusto de Campos, ao definir que:

[...] a poesia concreta, começa por assumir uma responsabilidade total perante a linguagem: aceitando o pressuposto do idioma histórico como núcleo indispensável de comunicação, recusa-se a absorver as palavras como meros veículos indiferentes, sem vida sem personalidade sem história- túmulos-tabu com que a convenção insiste em sepultar a idéia. (CAMPOS, 2006, p. 71)

Vejamos como a vida das palavras é transplantada para as poesias de Freire no poema Carvoeiro/vegetal, de Águas de Visitação.

	- na córnea dos olhos /fulige/ Vago vento agosto oestino Primaverando...
- Carvoeiro: Múltiplo ser Num lasquear o enredo Da lenha	
	- nessas entranhas Seu tostado parto Revivente de vida (FREIRE, 1999, p.55)

A vida não pulsa, nas coisas inanimadas, por Freire lhes dar aspectos humanos ou movimento simplesmente, mas porque as coisas podem viver autonomamente. Neste sentido, o carvoeiro pulsa, vive, age e recebe é um múltiplo ser. A existência está na autonomia da ação gerada por este carvoeiro.

Não podemos perder de mente que Freire, mesmo nas relações vanguardistas que depreendem sua poesia, traz o visceral trato da cuiabania, elementos do regionalismo que, de certa forma, estão muito mais emoldurados e sólidos em sua poética.

- a tecedeira  
fia  
afia  
seus dedos

no fuso  
do uso  
no emblema da linha  
no confuso tear do dinheiro

- no rendado que pende  
rede é faca vazia  
desafia  
o corte que afia [...] (FREIRE, 1999, p. 97)

Em Freire, a cuiabania estende-se a toda cultura mato-grossense e, como tal, vemos, neste bloco poemático, uma atividade comercial muito própria do universo mato-grossense, as fiadeiras/tecedeiras, que fiavam *no confuso tear do dinheiro*. Em um Mato Grosso de poucas atividades comerciais, ergue-se uma cultura local empenhada na atividade artesanal, cujo papel é a própria sobrevivência das fiadeiras, sem a intencionalidade de riquezas futuras.

A cultura das fiadeiras sobrevive, pois *a rede é faca vazia/desafia/o corte que afia*. Desafia o progresso, pois permanece ainda viva na memória e nas atividades daquelas que repassam às gerações futuras esta arte, desafia a história, pois não sucumbe ao próprio progresso.

Possari (1999) diz que

[...] os poemas (de Silva Freire) são menos louvor e mais historicidade; desvelam os valores de Mato Grosso- não com saudosismo ou bairrismo- mas através de um processo de construção e de re-construção de história, de cultura, de ecologia e de filosofia. (POSSARI, 1999, p. 10)

Em 1989 é publicada sua obra *Barroco Branco*, que já traz na disposição gráfica da capa sua radicalidade com o verso, a atomização das palavras, a utilização do espaço em branco entre outros elementos.

**barro oco**  
**oco branco**  
**barroco**  
**branco**

Neste pequeno bloco, é possível visualizar o asseverado por Magalhães (2001) ao afirmar que

[...] a palavra na obra de Silva Freire, não é apenas o ponto de partida, mas o campo gravitacional físico e semântico de experimentação estética, pois é a partir da palavra que ele constrói o seu império de imagens, exercendo a metalinguagem (o próprio debruçar-se sobre a palavra, redescobri-la), valorizando o trabalho artesanal com o vocábulo e, sobretudo, atualizando em textos de grande representatividade para Mato Grosso as teorias de vanguarda de 1950 a 1960). (MAGALHAES, 2001, p.164)

A partir da espacialização do título-poema da obra *Barroco Branco*, somos levados às reflexões de Melo e Castro (1993), quando este afirma que o interessante nas colagens concretas são:

[...] a autopotenciação dos objetos uns em relação aos outros, num espaço visível. Os materiais são óbvia e abertamente escolhidos pelo poeta, que os cola procurando o equilíbrio de tensões entre os seus usos como objetos (ou as suas proveniências) e o seu significado recíproco no espaço de ideograma complexo assim construído. (MELO E CASTRO, 1993, p. 46)

Neste sentido, em *barro oco/oco branco/barroco branco* vemos a atividade de colagem dos signos que se transformam em símbolos e objetos, refletindo simultaneamente *um tempo em que se vive e vive-se para sobreviver*, nas palavras de Melo e Castro (1993).

Há, nas poesias de Silva Freire, a tensão entre ver e ler, uma vez que o poema concreto está muito mais para ver do que para ler. Ao homem do modernismo é dado a possibilidade de ver e ler simultaneamente. Os poemas concretos e, neste caso, os poemas de Silva Freire, unem tempo e movimento, há um tempo e uma cultura se mostrando e sendo mostrada, que se movimentam nas imagens criadas e nos ideogramas.

Como proposta já anunciada em *Águas de Visitação, Barroco branco* continua a apontar um pioneirismo em Mato Grosso, o movimento vanguardista, chamado Concretismo. Segundo Carvalho (1989, sp), encontram-se nesta obra *as inúmeras possibilidades de decomposição e manipulação dos blocos poéticos de Silva Freire, no contexto do poema*.

- reCORdar é pensar  
Que a COR dói  
- SonhAR é sentir  
Que o AR... ri (FREIRE, 1989, 53)

É possível verificar, neste pequeno bloco do poema *De conceitos...*, que a cada decomposição ou manipulação das palavras emergem simultaneamente a esta outros sentidos, outras possibilidades para pensar e encarar o poema. Surgem, neste bloco, duas outras palavras COR e AR através da sobreposição das palavras iniciais recordar e sonhar.

Segundo Carvalho (1989, sp), *assim, oferece-se a possibilidade potencial de, a partir de um bloco poético qualquer, o intérprete (leitor) poder realizar seguidas integrações, sem perder a obra, contudo, seu dinamismo estrutural*.

A obra, como afirma Carvalho (1989), passa a ter movimento, pois a cada leitura uma nova interpretação surge e, a cada leitura, o leitor é levado a criar, a fazer invenções com a própria invenção proposta pelo poeta. O leitor, agente ativo, não mais lê, mas cria junto com o poeta, ou melhor, recria a própria invenção. Vê-se, em *Barroco branco*, um ato criativo que não se finda, mas que se renova a cada inovação.

Silva Freire, em Barroco Branco, como em outras obras, não se limita a parâmetros formais de criação. Esses parâmetros são insólitos demais para abarcar toda inventividade poética de Freire, seu universo poético é movediço e se renova a cada poesia.

Em suas poesias, além de um teor didático criativo e informativo, pode ser visto um valor humano, um elemento célebre, o homem.

Em 1986, é publicada a obra *Silva Freire: social, criativo e didático*, resultado do projeto *Mostra permanente de escritores mato-grossenses*, idealizado pelo Departamento de Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso. A obra compreende textos em prosa (contos, crônicas e cartas), bem como poemas e traz uma pequena fortuna crítica acerca de toda inventividade poética de Silva Freire. Apresenta, ainda, imagens e fotografias do poeta em diversos momentos de sua intensa vida política, cultural e social.

Em *Trilogia Cuiabana* (em apenas dois volumes), composta de poemas longos, é apresentada a cidade de Cuiabá, não com mera descrição do espaço, mas com sua gente, seus costumes, de forma a retirar do povo cuiabano elementos próprios de sua cultura, dessa cidade que adquire vida e movimento.

Romancini (2005, p. 190-191) afirma que

Silva Freire aborda todos os aspectos da vida de relações, das brincadeiras entre os amigos, da boemia, do amor pelo futebol e das pescarias [...] O universo [...] na poesia de Silva Freire é extremamente rico. (ROMANCINI, 2005, p. 190-191)

Em *Trilogia Cuiabana*, Silva Freire revela uma cidade de seus tempos de infância, das brincadeiras entre amigos, da boemia. Um passado baseado em ações cotidianas, o que se consolida à medida que, singularmente, o autor reconstrói a realidade, pondo-a em contato com o presente. Neste contato com o presente, o passado se reconstrói de outra maneira, permeado pela evolução imagética do indivíduo que poetiza essas lembranças. O que aparece nos poemas, desse modo, não é uma cidade, mas um lugar recriado, uma cidade que vive, que pulsa lentamente no frenético progresso que avançava no Brasil.

\_ foi no aeroporto  
Deste bar remoto  
Que iluminei de talco a espera deste espera...

\_ finalmente o garçom que estimo  
Saiu de seu cansaço  
Para mologar com as bordas bêbados  
dos copos

\_\_\_ seu si-mesmo ressona num  
canto do balcão...  
de lado/único cachorro  
se engorda de migalhas unidas  
dessas farturas momentâneas  
(FREIRE, 1991, p. 239)

Pode ser visto, claramente, a atomização dos blocos no papel criando figuras geométricas e, em segundo, a lentidão como tudo vaga no curso da história nesta cidade em que o tempo resiste ao próprio tempo. Silva Freire tinha como projeto valorizar os aspectos locais, a fim de que não se perdessem.

Magalhães (2001, p. 166) entende que nos dois volumes de Trilogia Cuiabana as imagens se apresentam como se tivessem sido *flagradas por uma câmera, aos poucos, rápidos quadros, estórias e ambientes vão desfilando aos olhos do leitor. Cuiabá vai criando corpo física e culturalmente a cada página*. A poética de Freire, vai aos poucos, desenhando os contornos de regionalidade, vai definindo os traços de sua gente e de seus costumes.

A temática presente em suas obras apresenta a grande capacidade de sensibilização e de capacitação das vicissitudes do homem mato-grossense, pois explora temas nunca antes navegados<sup>3</sup> na literatura mato-grossense, como em seu poema *Gool, círculo Azul ao Sul do Azul*, presente na obra Trilogia Cuiabana. Neste poema, Freire vai delineando os contornos de todo o jogo de futebol, esporte cultuado não só pelos grandes centros urbanos, mas também pelos locais marginalizados.

de chapéu  
nO chuveirO  
O craque nãO molha  
A memória....

[...]

O gandula  
Adula  
A gula  
Que pula/ de braçOs abertOs

[...]

O estádiO fica sentadO  
templO OcO  
riscandO de ritmO  
mOrdidO de gritO  
trilhado de apitO  
templO OcO  
O c O  
(FREIRE, 1991, 335-340)

Neste poema, Freire encena todo o conjunto de atores que compõem um jogo de futebol, bem como o próprio estádio que se personifica na visão do

3 O termo nunca antes navegados, é utilizado pelo poeta Luís Vaz de Camões, em sua epopeia, Os Lusíadas, para designar a capacidade de desbravação rumo as Índias, utilizamos esta expressão, para designar a inventividade de Freire, rumo a temas ainda não explorados na literatura brasileira de expressão mato-grossense.

poeta. A inventividade concretista está marcada pela geometria do **O** maiúsculo que remete diretamente à diagramação/forma de uma bola de futebol. Portanto, o poema traduz, da disposição dos blocos e às palavras, a essência da dinâmica do futebol.

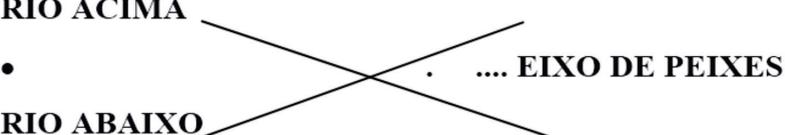
Nestes dois blocos de Freire, confirma-se a ideia apontada por Cunha (1979, sp) de que sua *mensagem não vem pronta para ser consumida. É uma espécie de matéria prima que coloca à disposição do leitor, convidando-o a elaborá-la criativamente*. Desta forma, aparecem os atores do futebol, o gandula, o estádio, o gol e todas as relações que se encadeiam neste sistema. Não há apenas um único tema, mas vários gravitando nos blocos poemáticos.

O leitor não é convidado somente a ler os poemas, mas a fazê-los, ou refazê-los a partir de suas criações. O leitor redimensiona a poesia, dá novos contornos.

Se a aspiração maior da humanidade hoje é fazer do homem sujeito de suas ações, um dos requisitos básicos para a concretização desse ideal é transformá-lo de receptor passivo que tradicionalmente foi, a agente de sua própria existência. Os poemas de Silva Freire oferecem essa oportunidade, indicando inteligentemente o essencial, deixando ao leitor a sublime tarefa de seguir sozinho no processo de construção ativo e infinito. (CUNHA, 1979, sp)

A obra *Trilogia Cuiabana* traça os perfis da cidade de Cuiabá, inicia estabelecendo uma abrangência geral, depois delimita para os bairros até chegar a sua gente e seus costumes. Existe na obra uma visão pormenorizada da situação simbólica da história-cultural desta cidade.

Na obra *Trilogia Cuiabana*, encontram-se inúmeras explorações que causam surpresas estéticas ao leitor, como é possível ver no seguinte bloco poemático/ideograma.

**RIO ACIMA**        
 •      .      .... **EIXO DE PEIXES**  
**RIO ABAIXO**

A disposição do verso projeta a imagem da espinha de um peixe. As palavras rio acima/rio abaixo dão ideia do movimento cíclico desse peixe e revela a imponência do rio, como curso da vida.

A figura-símbolo apresentada neste bloco poemático revela a vida do homem mato-grossense frente à modernização dos grandes centros, aparece nitidamente a singularização humana. Neste sentido, o homem mato-grossense, na poesia de Freire, participa da construção da identidade a partir do imaginário, repousando-se nas tradições, lendas e costumes. A palavra se metamorfoseia, literalmente, na imagem que tenta representar, portanto, ela - a palavra - não mais se representa apenas semanticamente, mas assume a posição verbivocovisual.

Todas as possibilidades sígnicas, como visto no poema rio abaixo/rio acima/eixo de peixes, ocorrem simultaneamente, portanto, neste bloco, o som, o visual e o verbal se enviesam de tal forma que é impossível tê-los separadamente.

Há uma relação de complementaridade entre o símbolo/imagem do peixe e o texto. Ambas, imagem e texto, estão concatenados sob o mesmo viés, mostrar a transitoriedade do rio e o cruzar dos peixes. O texto deixa clara a ideia dos movimentos dos peixes e a imagem criada pela diagramação vai ao encontro desta perspectiva.

Em *Trilogia Cuiabana*, encontramos fortemente marcado o elemento regional e a estética concretista. A representação do elemento regional se dá, no livro, desde a representação da linguagem oral do povo cuiabano às descrições de apelidos.

Cotxipó-da-ponte

É reduto e atalaia na resistência estacada

De seresteiros

Ou resumo orquestral

De chorinhos

Rasqueados

E valsas puras

Quase um turbilhão de abismo tropical de Rosa...

(FREIRE, 2001, p. 90)

Consta, nestes versos, o dialeto<sup>4</sup> cuiabano (tche, txi), que compreenderá um dos elementos para formar a expressão cunhada pelo próprio poeta, cuiabania. As marcas da oralidade presentes em seus poemas provocam surpresa e estranhamento no leitor.

Em *Trilogia Cuiabana*

[...] Cuiabá fala por si mesma, através de seu povo. E Silva Freire, ao incorporar o patrimônio popular à tradição vanguardista do Concretismo, une o popular ao erudito, dialogando com os textos históricos, jornalísticos, jurídicos e outros, na confabulação do texto novo. (ROMANCINI, 1986, p. 171)

Em *Trilogia Cuiabana*, o visceral trato com a cuiabania, com a criação concretista está intimamente ligado a uma linguagem bem humorada, às galhofas daqueles que sentam às portas das casas nas tardes para as conversas e as risadas.

Encerramos este primeiro capítulo com o pensamento de Leite (2006) a respeito da junção entre vanguarda-concretista e regionalista na poética deste autor mato-grossense.

[...] há que se considerar aqui que o regionalismo que se verifica e aponta na poética de Silva Freire [...] soma-se não apenas a um teor mais realista e

4 Neste trabalho adotamos designação dialeto, conforme definição de Cox (2008).

de crítica social como também a uma rara qualidade literária e artística dos textos. (LEITE, 2006, p. 112)

Freire dá ao regional a universalidade tanto almejada nas manifestações artísticas. Ao invés deste movimento restringir a sua localidade, neste caso a capital ou ao Estado de Mato Grosso, ele a lança para o Brasil. Cunha já havia previsto que o poeta, parte do regional em busca do universal [...] quanto mais regional for o escritor, tanto mais universal será.

### Referências

CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, A.; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. 4ª ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2006.

CAMPOS, Cristina. Silva Freire pro(e)ador. IN. FREIRE, Silva. **A Japa e outros croni-contos cuiabanos**. Cuiabá: Carliani e Carniato, 2008

\_\_\_\_\_. **A valorização da cultura cuiabana na prosa de Silva Freire**. XI Congresso Internacional ABRALIC. Disponível em [www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/019/MARIA\\_CAMPOS.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/019/MARIA_CAMPOS.pdf). Acessado em 10/12/09

CARVALHO, Carlos Gomes de. **A poesia em Mato Grosso**. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma escritura telúrica. IN: FREIRE, Silva. **Barroco Branco**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso- ED. Amazônica, 1989.v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso**. Cuiabá: Verde Pantanal, 2004.

CUNHA, Célio da. Denúncia e esperança na poesia freireana(Prefácio). IN. Freire, Silva. **Águas de Visitação**. 4 ed. Cuiabá: Leila Barros da Silva Freire, 2002.

\_\_\_\_\_. Denúncia e esperança na poesia freireana(Posfácio). IN. Freire, Silva. **Águas de Visitação**. 1 ed. Cuiabá: UFMT, 1979.

LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá : Cathedral, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nas brenhas do regionalismo em Mato Grosso: literatura, vanguardas e identidade**. Relatório (Relatório de Pós-Doutorado), Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura, vanguardas e regionalismos: poéticas em trânsitos e fronteiras**. XI Congresso Internacional ABRALIC. Disponível em [www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/.../MARIO\\_LEITE.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/.../MARIO_LEITE.pdf). Acessado em 12/12/09.

LIMA, Marinei Almeida. “Pindorama: um passeio em seu texto editorial”. IN: RAMOS, Isaac Newton Almeida; RODRIGUES, Agnaldo (Orgs.). **Ensaio de Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde**. Cáceres, MT: Unemat Editora, 2004.

---

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: UNICEN, 2001. (Coleção Tibanaré)

NADAF, Yasmin Jamil. A obra poética de Silva Freire. IN: Freire, Silva. **Silva Freire: Social, criativo e didático**. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986

PONTES, José Couto Vieira. Águas de Visitação. In: Freire, Silva. **Silva Freire: Social, criativo e didático**. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986.

POSSARI, Lucia Helena. **Prefácio a 3 edição de Águas de Visitação**. IN: FREIRE, Silva. Águas de Visitação. Cuiabá: Adufmat, 1999.

ROMANCINI, Sonia Regina. Leituras do Cotidiano em Silva Freire. IN. LEITE, Mário Cezar Silva(org.). **Mapas da Mina**. Cuiabá: Cathedral publicações, 2005

